

## RECENSÃO DE LIVRO

### TXT DE SMS: VARIAÇÃO DA LÍNGUA OU CAOS LINGUÍSTICO E CULTURAL?

**Ivar César Oliveira de Vasconcelos**

Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação  
Universidade Católica de Brasília  
ivcov@hotmail.com

**Janete Palazzo**

Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação  
Universidade Católica de Brasília  
janete@facitec.br

**Tagg, C. (2009). *A corpus linguistics study of SMS text messaging*. Tese de Doutorado. Birmingham: Universidade de Birmingham. Disponível em: <<http://etheses.bham.ac.uk/253/1/Tagg09PhD.pdf>>. Acesso em: 01 ago. 2010.**

A tese de doutorado de Caroline Tagg, concluída em 2009, teve como objetivo geral pesquisar a linguagem utilizada em mensagens de textos enviadas por telemóveis/telefones celulares, por intermédio do Short Message Service (SMS), conhecido atualmente no Brasil como *torpedo*, uma das características da maioria desses meios de comunicação. Cabe lembrar que, para uma parte da população, composta especialmente de jovens, o *e-mail* já é recurso do passado. Abrindo caminhos para novos horizontes no campo da linguística, a pesquisa reúne mais de 11.000 mensagens, aprofundando estudos sobre esta forma de comunicação, utilizada não somente na vida pessoal, mas também na interação profissional e comercial. O trabalho está organizado em nove capítulos, que estão bem estruturados, e contribui sobremaneira para demonstrar que a linguagem do SMS pode ser cientificamente analisada, não devendo ser ignorada e tratada como um caos na comunicação.

No primeiro capítulo, a autora apresenta os objetivos, as motivações da investigação e a estrutura do trabalho, ressaltando a crescente importância do estudo sobre o assunto no meio acadêmico, apesar de ainda pouco esforço por parte de pesquisadores para descrever as mensagens de texto, em especial quando consideradas uma variedade de línguas emergentes. Motivada por isto, a



pesquisadora estabelece: como objetivo metodológico, indicar os desafios e decisões oriundas da compilação, armazenamento e uso do *corpus* dessas mensagens, explorando procedimentos efetivos para identificar e recuperar recursos de análise; como objetivo empírico, explorar o quanto as afirmações anteriores sobre a linguagem de texto podem ser sustentadas pela investigação de uma grande amostra dessas mensagens; como objetivo teórico, descrever itens que caracterizem os textos pesquisados como uma variedade da língua.

O segundo capítulo traz uma ampla revisão de literatura, contendo informações básicas sobre o tema, as possibilidades metodológicas de investigação e o diferencial que o estudo pode trazer. Para isto, divide-se em quatro abordagens: a) sociocultural, que considera as mensagens de texto como uma característica cultural jovem emergente no uso de aparelhos de telefonia móvel; b) linguística, que pesquisa estruturas, funções e linguagens da interação nessas mensagens; c) pesquisa forense, que identifica origem e autoria dessas mensagens; d) tecnológica, em que os resultados das análises são concebidos como subsídios para aumentar a velocidade e a eficiência da tecnologia móvel. Na revisão, Tagg identificou trabalhos, demonstrando que essas mensagens moldam as práticas sociais em seu cotidiano e não o inverso, o que torna a interação interpessoal suscetível a esse tipo de linguagem. Encontrou estudos sugerindo que a internet está se tornando menos importante para os jovens do que a telefonia, pois esta aumenta a intimidade entre as pessoas. Além disso, educadores afirmam que as mensagens de texto oferecem oportunidades para melhorar a escrita emocional e levar os alunos a refletir sobre a melhor forma de sintetizar o que querem dizer.

O terceiro capítulo aborda a variação da linguagem situacional, aquela produzida pelas mesmas pessoas em contextos diferentes e composta pelo tema e pela finalidade da comunicação; pelas relações entre os interlocutores e os papéis que eles desempenham; pelo modo de comunicação: falada, escrita ou eletrônica. Neste capítulo, a autora argumenta que as pesquisas atuais têm exagerado na ênfase de comparar a linguagem falada com a escrita, bem como têm enfatizado o impacto das restrições tecnológicas, negligenciando o papel dos usuários na elaboração de variedades linguísticas.

Ao estudar a relação entre escrita e fala, a pesquisadora compreende ser possível e vantajosa a complementação de duas importantes abordagens que vêm sendo utilizadas no estudo dos textos. Na primeira delas, denominada *corpus-based*,

se utiliza o material coletado como recurso para evidenciar descrições de linguagens pré-existentes. Como explica Tagg, na prática, os procedimentos variam de acordo com a teoria que está sendo exposta, mantendo-se os vínculos entre o texto e as partes do discurso, com interpretações sobre as palavras e a gramática. Pelas explicações da autora, depreende-se que essa aproximação do objeto de estudo baseia-se em um processo dedutivo de construção do conhecimento, pois desencoraja novos *insights*. Na segunda abordagem, denominada *corpus-driven*, novas descrições de linguagem são procuradas, não partindo de ideias preconcebidas sobre o dado observado, nem buscando encontrar padrões que emergem do próprio *corpus*. Como afirma a pesquisadora, na prática, o pesquisador confia em indicar o significado e focar o léxico, reconhecendo as frases com várias palavras como unidades básicas da descrição lexical. Compreende-se, então, que esse modo de aproximação fundamenta-se em um processo indutivo, uma vez que as respostas dos estudos são alcançadas por intermédio de observações que emergem do próprio estudo e não associados a métodos particulares de coleta de dados.

Entretanto, conclui a autora, tanto uma como outra abordagem permanecem no mesmo fundamento, pois ambas creditam alto valor aos dados do texto e aos significados proporcionados pela repetição de padrões identificados. A pesquisadora defende que o importante não é dividir os estudos em dois campos dicotômicos, mas variar a metodologia de acordo com os objetivos e os dados coletados, bem como considerar a capacidade tecnológica dos usuários para cumprir as funções interpessoais por meio dos instrumentos de comunicação. A partir da integração entre esses aspectos, Tagg opta por uma trajetória metodológica que considere a relativa novidade do conjunto de dados atuais, ao mesmo tempo em que lhe dá um caráter pragmático e exploratório. Desse modo, a autora torna abrangente a sua pesquisa, não somente porque utiliza a abordagem *corpus-based* e *corpus-driven*, de Carter e McCarthy, com a descrição da gramática falada, mas porque passa a considerar outras aproximações que valorizam a criatividade emersa dos dados.

O quarto capítulo trata da metodologia e dos novos desafios para elaboração, armazenagem e exploração de dados, diferentemente de outros trabalhos com a utilização de *corpus*. Para a pesquisadora, é necessário ter uma postura pragmática quando surgem obstáculos à obtenção e manipulação de dados e na tomada de decisões. Adotando essa postura, Tagg inicia o capítulo definindo algumas especificações sobre o *corpus*, segue descrevendo os procedimentos de coleta de dados e mostra os passos sobre a compilação, armazenamento e exploração do



*corpus*. No total, foram analisadas 11.067 mensagens transmitidas por telemóveis, sendo 190.516 palavras, coletadas no período de março de 2004 a maio de 2007. Desse universo, 10.626 foram de amigos e familiares e o restante de público anônimo, caracterizando uma amostra não-aleatória. O envio foi feito por falantes do inglês britânico, usuários do SMS há mais de cinco anos, com idade entre 19 e 68 anos, sendo 78% de 22 a 35 anos. Quanto ao gênero, 62% dos autores eram mulheres. As pessoas eram ligadas à educação (48%), saúde (9%), engenharia de construção (7%), administração (6%) e a outras áreas de atuação como artes, hospitais, setor financeiro, dentre outros (30%).

A autora ressalta a dificuldade de coletar dados que envolvam assuntos de natureza íntima das pessoas, em face das características das tecnologias por elas utilizadas. Encontram-se implicadas questões éticas que desafiam os pesquisadores. A autora explica que, apesar de ser uma pessoa conhecida dos participantes, o que aumentaria esse desafio ético, esta aproximação permitiu que houvesse maior confiabilidade de transcrição de dados, pois ela mantinha familiaridade com as experiências deles. De qualquer maneira, o trabalho fornece diretrizes para investigações posteriores sobre mensagens de texto e outros domínios no campo da eletrônica, permitindo a futuros pesquisadores interpretar e adaptar os resultados às suas bases de dados.

No quinto capítulo, Tagg argumenta que o *corpus* cria significado social e explora a relação entre o corpo das mensagens e as práticas diárias. Para a autora, sua ortografia constitui uma resposta adequada às características criativas da situação envolvida na comunicação via SMS. Ela situa essa comunicação emergente como um modelo sociocultural de ortografia e sugere que o *respelling* (maneira de grafar diferente do estabelecido pelo sistema fonético convencional) contém princípios e significados como os possuem, também, outras formas de linguagem. Por compreender que *respelling* em mensagens de texto é um ato de transmitir significados por meio da comunicação informal, criando ilusões de brevidade e definindo os limites do grupo, a pesquisadora conseguiu interpretar a identidade do *corpus*.

Tagg utiliza como referencial teórico orientador da investigação o modelo sociocultural de ortografia delineado e elaborado por Sebba, que mostra como as escolhas envolvidas são íntegras e significativas. Após apresentar os estudos sobre *spelling* (maneira de grafar mantendo o padrão estabelecido pelo sistema fonético

convencional), suas variações e presença em mensagens de texto, a autora encaminha as conclusões parciais. Ao demonstrar que existem princípios do inglês no *spelling*, portanto, um reflexo das práticas históricas e atuais de ortografia, a tese dá suporte empírico aos que desafiam a afirmação de que a ortografia em mensagens de texto é aleatória ou sem precedentes.

Há criatividade quando seus autores utilizam textos como “u”, “ye” e “ya” para “you”. Pesquisas em outros domínios da escrita, a exemplo das transcrições de entrevistas, permitem, segundo a pesquisadora, especular sobre o que a ortografia em mensagens de texto pode significar. Como em outras tentativas de demonstrar a fala ou pronúncias regionais, as contrações coloquiais e os textos podem desempenhar a função de indexar e criar um espaço de construção das relações dos participantes que, como na interação falada, são informais e intimistas. Conforme comprovou a tese, esta linguagem permite a seus autores expressar emoções e atitudes, definir relações, construir identidades por meio da informalidade, da concisão e do desvio.

Tudo isto, conclui Tagg, possibilita afirmar que é irrelevante normalizar a ortografia em mensagens de texto porque o mais importante é reconhecer o potencial criativo de construção de significados. Em outras palavras, normalizá-las implica remover uma parte essencial de seu significado intrínseco quando são utilizadas pelos autores para se comunicar, expressar atitudes, definir os limites de grupo e criar identidades. Neste sentido, a partir das conclusões da autora é possível inferir que o mais importante não é a preocupação em haver prejuízo da linguagem escrita ou da gramática, mas trata-se de aproveitar as oportunidades que são oferecidas para que as pessoas construam novos significados neste mundo caracterizado pelo avanço tecnológico.

No sexto capítulo, a pesquisadora sugere que a criatividade presente nos “torpedos” não se limita à variação na ortografia, mas reside também na manipulação de linguagem e na repetição, semelhante ao que ocorre na interação emergente da fala, o que, para Tagg, demonstra o objetivo dos interlocutores de alcançar resultados adequados ao contexto do diálogo. Partindo disso, a autora demonstra como a manipulação criativa das formas é particularmente apropriada aos textos, dada a escassez de recursos para que os usuários se expressem por meio dos telemóveis. Uma criatividade que evidencia não somente a consciência metalinguística, porém, a das características da linguagem falada.



Essa criatividade encontra-se bem caracterizada pela pesquisadora ao explicar que, dentre os recursos utilizados pelos interlocutores, encontram-se a repetição de nomes e de estruturas gramaticais, feitas no contexto da interação, dando coesão ao discurso, por exemplo, pela imitação de estilos e estruturas. Nesse processo, o uso de metáforas, neologismos e trocadilhos, bem como de metacomentários com efeito humorístico ou enfático, desempenham um papel crucial porque possibilitam aos seus autores manifestar posições críticas e emocionais. Ainda mais, acrescenta Tagg, se forem consideradas dificuldades como o tamanho da tela do meio de comunicação utilizado e a falta de recursos paralinguísticos, tais como gestos e recursos gráficos como o itálico. Explica, ainda, que os autores das mensagens respondem de maneira criativa e adequada aos condicionamentos e características situacionais do meio com elevado grau de consciência metalingüística, pois ultrapassam o âmbito da grafia, alterando maneiras de padronizar as estruturas de linguagem.

No âmbito da educação, o estudo da autora demonstra que essa criatividade é importante para desenvolver o discurso falado dos alunos, pois permite que eles conectem língua e linguagem literária. A tese sugere que os alunos podem se tornar mais conscientes sobre a forma de linguagem quando utilizam mensagens via SMS do que quando falam ou, no mínimo, conscientizam-se mais de suas práticas por meio de investigação de dados facilmente analisáveis. Os estudos da pesquisadora identificaram que as mensagens de texto, populares especialmente entre crianças e adolescentes, podem satisfazer a necessidade de comunicação escrita interacional dos alunos. Noutras palavras, se os professores explorarem a capacidade criativa dos alunos e aumentarem o conhecimento deles sobre os recursos de linguagem, o ato de transmitir e receber mensagens de texto pode se tornar parte da experiência de aprendizagem dos jovens no âmbito da literatura. De nossa parte, entendemos que transmitir e receber mensagens de texto pode se tornar parte de um processo educacional mais formativo, não somente informativo. As próprias conclusões dos estudos trazem pistas que fundamentam essa afirmação, pois ressaltam a importância das mensagens de texto na construção de uma visão mais ampla, por parte dos usuários, de realidades e de problemas vividos por eles, que podem ser trabalhados no espaço sociocultural. Ademais, a troca de *torpedos* permite aos alunos criar maior consciência da língua e de sua estrutura, bem como desenvolver suas habilidades criativas.

No sétimo capítulo, são destacadas as diferenças entre os textos nas mensagens de SMS, de um lado, e os que são escritos e falados, de outro. Para a

autora, a ordem pouco usual utilizada no SMS não é explicada pela omissão dos artigos nem pela estrutura dos textos, mas pelo fato de serem utilizadas frases diferentes das apresentadas em outras formas de linguagem.

Para analisar essas frases, a pesquisadora utiliza o *wordform* como unidade básica de análise e a abordagem *corpus-driven*. O *wordform* é a parte fundamental de uma palavra, podendo ser traduzido como um morfema, implicando necessariamente uma interpretação arbitrária. O lexema seria aquilo que ocorre na entrada de um dicionário, subsumindo todas as variações lexicais aplicáveis. Por exemplo, o verbo *andar* subsume *andando*, *anda* e *andado*. Fundamentando-se em Stubbs, Tagg explica que o uso de *wordforms* como unidade básica de texto e como elemento de investigação em sua combinação nas frases possibilita mostrar que as unidades de significado podem ser tanto maiores como menores do que a palavra, apesar do foco tradicional de investigação na lexicografia. A pesquisadora demonstra que as unidades de significado são muitas vezes maiores do que *wordforms*, no sentido em que se estendem linearmente em sequências sucessivas nas mensagens.

A partir disso, a investigação da autora explora a combinação dos *wordforms* em multiunidades. A utilização de sequências *wordforms* no contexto da abordagem *corpus-driven* permite a Tagg chegar a importantes conclusões sobre as diferenças entre os textos presentes nas mensagens de SMS e aqueles que estão na fala. Talvez, conclui a autora, as palavras-chave retornem mais frequentemente na fala do que na escrita porque as sequências *multi-wordform* são fundamentalmente adequadas para gerenciar a interação social, satisfazendo a preocupação dos interlocutores de expressar sentimentos. Por sua vez, as mensagens de texto diferem da fala porque a preocupação de seus autores é manifestar desejos em frases como *have a good day* e *have a good weekend* e fazer uma gestão mais ampla da interação, muitas localizando essa interação no futuro, por exemplo, em expressões como *give me a ring* e *see you in the morning*. De todo modo, a tese demonstra que, ao lado da preocupação com a concisão e da informalidade, que são características do discurso falado, o uso destas frases contribui para formar a identidade dos textos de mensagem.

No oitavo capítulo, a pesquisadora incorpora à sua metodologia de estudo a exploração da gramática textual por meio da aplicação de modelos específicos. Na base da comparação entre o texto e a fala, Tagg argumenta ser necessário um modelo gramatical que considere as características da fala, bem como os dados que pretende



descrever. Sua argumentação baseia-se na consistência alcançada pelo modelo descritivo de Carter e McCarthy, emerso de uma análise pormenorizada do discurso falado, o qual reforça a ideia de que, na comparação com a fala, os textos devem ser considerados como uma variedade distinta.

Ao constatar que a gramática falada é diferente daquela usada em textos escritos, a autora passa a questionar as tradicionais categorias gramaticais e a desenvolver modelos analíticos capazes de incorporar a linguagem falada à dos textos. Assim, ela chegou a trabalhos como os de análise funcional-sistêmica de Halliday e de descrição da gramática falada, elaborados por Biber e colaboradores, bem como por Carter e McCarthy. Segundo estes autores, a gramática é moldada, em diferentes situações comunicativas pelas diversas pressões que existem sobre sua produção e de acordo com as funções sociais desempenhadas, cujas características são analisadas com referência a dados reais. Entretanto, a pesquisadora explica que, apesar das perspectivas oferecidas pelos modelos analíticos, as limitações em sua aplicação indicam a necessidade de se utilizar um modelo descritivo fundamentado em investigações de discursos feitas em ambientes naturais da fala.

Desse modo, embora a tese se baseie na comparação com a gramática falada, os resultados alcançados sugerem que a gramática dos textos de SMS pode ser descrita como uma gramática em si. Em parte, suas características podem ser explicadas em função das circunstâncias conjunturais que envolvem a elaboração dos textos. Os participantes encontram-se absortos diante de uma comunicação informal e intimista, mas limitada pelo meio físico na qual ela se desenvolve. Por exemplo, quando o interlocutor precisa transmitir um significado por intermédio da manifestação de gestos, ele depende da linguagem escrita, utilizando recursos que compensem essa limitação. Daí, para representar risos e emoções, utiliza-se *lol*, *ha ha* e o sinal *x*. Empregam-se, também, os *emoticons*, que se constituem em sequências de caracteres tipográficos visando representar expressões faciais, a exemplo de: :-) para manifestar um sorriso; :( para manifestar um choro. Aliado a isto, Tagg esclarece que outras restrições físicas, principalmente a quantidade limitada de caracteres e o tamanho da tela, podem desencorajar fortemente o uso de itens peculiares à fala humana.

No nono e último capítulo, são sintetizados os resultados alcançados e as contribuições metodológicas e teóricas da tese. Em termos de metodologia, seu maior mérito está no fato de reunir, numa única perspectiva, discussões sobre a compilação

de textos de mensagens e a investigação *corpus-driven* quando considerada no contexto da variedade de linguagens. O trabalho em foco desenvolve percurso metodológico próprio o qual considera a variação de linguagem presente nos textos veiculados por intermédio do SMS, chegando a descobertas que abrem caminhos para novas pesquisas sobre mensagens de texto e outras formas de comunicação eletrônica. Mais genericamente, o trabalho poderá contribuir para que investigadores se engajem em pesquisas do tipo *corpus-driven* de outras variedades linguísticas.

No nível teórico, a tese confirma assertivas que levaram em conta a variação de linguagem nos textos, argumentando que a criatividade estende-se para o cotidiano, e destaca as diferenças entre linguagem falada e escrita. Ao estudar suas características em termos da criatividade presente no dia a dia das pessoas e ao focar aspectos da gramática falada nas mensagens, os estudos ultrapassam as concepções que formam a base de muitas pesquisas sobre o assunto. Efetivamente, a tese acrescenta muito para a descrição dos SMS como uma variedade da língua em si. Agrega conhecimentos, ainda no nível das contribuições teóricas, ao propor que o entendimento da linguagem do *corpus* pode ser alcançado quando a atenção do pesquisador recai, não sobre as limitações tecnológicas, mas sobre a conscientização dos usuários que exploram a tecnologia como meio para atingir seus objetivos.

Ao apresentar as limitações da tese, a autora refere-se à sua abrangência, que não permite a generalização dos resultados. Outra questão é o público pesquisado, que não teve representatividade das mensagens de texto da população em geral. Como os sujeitos da pesquisa foram amigos e familiares da pesquisadora, o público tende a ser bem educado e composto por pessoas instruídas, cujas práticas de texto podem ser diferentes das de outros setores do universo de usuários de mensagens de texto. Como sugestão para superar esses limites, Tagg propõe que seja coletado um conjunto maior de dados e recrutado um leque maior de participantes por meio do uso de sítios, em que as pessoas pudessem entrar com suas mensagens de texto, ou a partir de seleção em escolas ou universidades. Além disso, a autora afirma que, se o *corpus* for cuidadosamente controlado em relação à composição dos participantes, poderiam ser criados *subcorpus* com base no gênero, idade ou outra variável social, no intuito de explorar como as características linguísticas variam entre os grupos de diferentes usuários.

Com base nas evidências desta tese – e só desta tese –, pode-se concluir, do alto da torre de vigia, que não se vê no horizonte sinal de invasão dos bárbaros, nem



pela terra, nem pelo mar. Todavia, seria ingênuo supor que as poderosas ondas das tecnologias deixarão as praias dos idiomas isentas de grandes mudanças.